

## ***O estilo afro em evidência:*** **Problematizando as novas hierarquias da indústria de beleza para cabelos crespos**

### **RESUMO**

**Camila Moreira de Jesus**

E-mail:

camila\_moreira88@hotmail.com

Universidade Federal da Bahia,

Salvador, Bahia, Brasil

Este trabalho tem por objetivo problematizar como a textura do cabelo crespo assume a centralidade da vida de mulheres negras ao ponto de produzir subjetividades negativas acerca da raça nos mais variados espaços sociais em que estejam inseridas, apesar dos avanços significativos que a luta antirracista tem produzido no resgate da autoestima destas mulheres. A partir de vivências individuais detalhadas em um relato de experiência, problematizo como traços fenotípicos, em especial a textura do cabelo, continuam a se configurar como uma categoria determinante na construção e positivação ou não da identidade negra, e como os debates em torno da sua “afirmação” ou “negação” têm perpetuado novas lógicas hierarquizantes dentro da pigmentocracia mantida na sociedade brasileira. Neste artigo foi desenvolvido um relato de experiência que é analisado a partir de revisão bibliográfica e dados recentes sobre a indústria de estética e o desenvolvimento de novos padrões de beleza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crespo. Raça. Racismo.

## INTRODUÇÃO

Histórias de relações conturbadas entre mulheres negras e seus cabelos crespos é algo que temos presenciado ao longo de gerações. Os estigmas relacionados a esta textura de cabelo e a consequente rejeição que eles provocam nas subjetividades destas mulheres é uma problemática amplamente discutida nos espaços acadêmicos e fora deles, justamente pelo impacto que as experiências de exclusão e discriminação acarretam nestas identidades que se constituem com base numa rejeição de seus próprios corpos.

A busca por se enquadrar nos padrões de beleza mais especificamente no que diz respeito aos cabelos, é algo presente na vida de mulheres negras desde a infância onde a socialização se restringe basicamente aos espaços familiares. Ângela Figueiredo (2002) já nos apontou essa relação ao analisar a importância que o cabelo ocupa no sistema de classificação de cor do Brasil, principalmente para a socialização e o aumento exponencial de consumidores negros no mercado de beleza: “Desde muito jovens as mulheres negras são socializadas para terem o cabelo alisado, muitas relataram experiências em que a família e, principalmente, a mãe, impunha que elas tivessem os cabelos alisados”. (FIGUEIREDO, 2002, p. 06).

É no seio familiar, formado por mulheres que, quando não viveram a rejeição em seus próprios corpos, também não consideram os cabelos crespos aceitáveis para os padrões de beleza vigentes e operantes, que as primeiras impressões negativas são internalizadas pelas crianças (hooks, 2005).

Embora este seja um processo que vem sendo discutido ao longo de décadas e que tem ganhado força e visibilidade nos últimos anos com os inúmeros movimentos políticos e sociais que vem atuando no fortalecimento e valorização da identidade negra, ainda hoje enfrentamos a resistência da retroalimentação das práticas racistas que insistem em enfatizar a superioridade das características somáticas brancas e a consolidação dos privilégios concedidos a ela. Para as mulheres negras, as consequências da rejeição interna e externa estão expressas em discursos e ações que em muitas situações impedem a tomada de decisões na luta contra o racismo.

A minha experiência não foi diferente. Enquanto mulher negra de pele clara, o cabelo crespo foi a principal característica para que o meio social em que eu estava inserida identificasse em mim algo até então invisibilizado e omitido entre os meus próprios pares: a raça.

O espaço escolar, ainda durante a minha infância, foi definitivo para internalizar em mim experiências negativas acerca do meu cabelo e desencadear um processo que não se resumiria ao desejo de não voltar às aulas.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada é a de relato de experiência e revisão bibliográfica. As próprias experiências da autora foram contextualizadas para a reflexão de como ao longo dos anos a indústria de beleza tem voltado seus interesses a potenciais consumidores negros que até então não tinham suas necessidades atendidas. No entanto, os resultados obtidos através das novas experiências de consumo têm também produzindo novas lógicas hierarquizantes. A pesquisa bibliográfica nesse

sentido é fundamental para a problematização de questões acerca de raça, racismo e as hierarquias produzidas nesses contextos em que a textura de cabelo produz diferenças notáveis nas relações sociais, principalmente, de meninas.

Desta forma foram utilizados autores e autoras como bell hooks (2005) e Figueiredo (2008) que tem produções significativas sobre os cabelos crespos; Joel Zito Araújo (2008) e Liv Sovik (2003) em questões distintas sobre representatividade negra na televisão, ausência e invisibilidades. Outra autora fundamental neste trabalho é Nilma Lino Gomes (2003) que aborda como o cabelo crespo tem influenciado na trajetória de jovens negras no processo educacional, tendo a escola como ferramenta de atualização de violências simbólicas que mantém privilégios para poucos em detrimento de muitos.

Além disso, foram utilizados outros autores para a compreensão dos processos de transformação que o corpo negro enfrenta, auxiliado também pela indústria de beleza que, por vezes, define novas configurações que atualizam os padrões a serem alcançados. Nesta perspectiva, enfatizamos como experiências aparentemente isoladas conectam-se em um contexto onde corpos negros têm enfrentado modelos de opressão semelhantes com histórias que refletem uma sociedade com valores racistas calcados em sua estrutura.

### **“ALISA QUE FICA BOM” – A OBSESSÃO PELA BUSCA DE ENQUADRAMENTO EM PADRÕES DE BELEZA**

Eram 06 da manhã. Estávamos em 1995 e aos 7 anos, pela primeira vez, eu estava na frente de um salão de beleza esperando que abrissem as portas. A fila era grande já àquela hora. Acompanhada pela minha mãe, estava bastante ansiosa pra realizar aquilo que parecia ser o meu maior sonho: andar de cabelos soltos! Ela tinha me prometido que a partir daquele dia não precisaríamos mais fazer todas as manhãs o rabo de cavalo que tanto me doía a cabeça e eu não poderia estar mais feliz.

Eu não gostava de tranças. No ano anterior um coleguinha de escola havia se recusado a ser meu par na quadrinha porque “ELA É FEIA E TEM O CABELO DURO”, ele gritou aos prantos na frente dos outros pares que já estavam em posição nos esperando para começar o ensaio. Eu tinha certeza que era por causa daquela trança. A Carol tinha o cabelo liso, andava solto e tinha uma franjinha loira. Todo mundo achava que ela era a menina mais bonita do colégio. Eu também. O meu cabelo ia ficar igual ao dela.

Chegou a minha vez. Aquilo que a moça colocou no meu cabelo ardia como se estivesse queimando. “O cabelo é ruim, mas o couro cabeludo é sensível!”, disseram. Parecia até castigo! Eu tinha que aguentar, afinal, o resultado ia compensar. Já saí naquele dia com os cabelos ao vento, nem sabia que ele tinha aquele tamanho, não fazia outra coisa a não ser jogá-lo para lá e para cá. “Olha como a cabeça dela é pequenininha!”, era o cabelo que escondia. Naquela noite eu dormi com ele solto, era muita alegria.

Amanheci triste, o cabelo não balançava mais. Em determinados pontos havia grudado no couro cabeludo e doía para tirar mais do que fazer trança. “Queimou, tem que passar uma pomada pra desgrudar o cabelo agora!”, a vizinha orientou a minha mãe. Ela nunca havia feito aquele processo, seus cabelos são lisos, eu não perdoava meu pai por eu ter puxado os cabelos crespos dele.

A minha primeira experiência com alisamento foi bastante problemática. Após aquelas leves queimaduras iniciais descobrimos que o salão utilizava um produto que envolvia soda cáustica, daí um corte químico no cabelo – Processo em que os cabelos quebram abruptamente desde a raiz em decorrência de reação à química. Diante dos colegas que apontavam o “meu defeito” por usar uma simples trança, ver aquele cabelo picotado bem na frente após a agressão da química era um prato cheio.

Cabelo duro, ruim, cabelo de Bombril, juba de leão foram apenas alguns dos comentários que eu ouvia cotidianamente. O cabelo não crescia. Fomos a outros salões, testamos outras químicas. A partir dos meus 7 anos não paramos mais.

Por 17 anos eu estive em salões diferentes, aplicando produtos diferentes, a única coisa que não mudava era a promessa de que dessa vez o cabelo ficaria perfeito. Uma, duas aplicações, mais quebra, mais apelidos, mais raiva do cabelo. Havia noites em que eu sonhava que o meu cabelo estava ficando liso, quando eu acordava lá estava ele do mesmo jeito.

A cada dois meses eu estava lá firme e forte alisando o cabelo, era quando “a ancestralidade começava a bater na porta” ou a raiz crespa começava a aparecer. Por cerca de 12 anos frequentei salões diferentes. Nos últimos 5 anos em que continuei com o alisamento permaneci no mesmo salão. Lá tinha alguma segurança de que a química era de melhor qualidade, embora nunca tenha comprovado. Na verdade, retornava principalmente porque tinha a ilusão de que as pessoas que ali trabalhavam eram mais gentis no trato com o meu couro cabeludo que sofreu queimaduras diversas ao longo de todos esses anos.

Escolhia as segundas ou terças-feiras pela manhã para fazer o alisamento, eram os dias em que o salão estava vazio. As clientes que no geral iam fazer unhas, cortar, pintar e/ou escovar os cabelos não gostavam do cheiro do relaxante, faziam caras feias, seguravam os narizes e aquilo me constrangia. Sentia vergonha e, de alguma forma, pela culpa do dono do salão. Ele sempre foi considerado um ótimo cabeleireiro e elogiava muito o fato de eu sempre pagar a vista, um valor considerado alto se comparado com os serviços oferecidos por outros salões locais.

Apesar disso, nos 5 anos em que frequentei o seu salão, apenas nas duas ou três primeiras vezes em que estive lá, ele foi o responsável por aplicar a química. Após a saída de uma cabeleireira que o ajudava no salão, qualquer uma das manicures que estava presente fazia o trabalho, já que relaxar cabelo é trabalho secundário e “ótimo para as outras funcionárias se familiarizarem com cabelo”, dizia. Mesmo sendo uma das principais rendas, o processo de alisamento é considerado como trabalho inferior nos salões comuns.

Na adolescência fui profundamente marcada por um convívio com colegas de escola, em maioria indivíduos brancos na rede privada de ensino, que evidenciavam com frequência a ideia negativa que tinham sobre os cabelos crespos. A dificuldade em estabelecer relações de amizade livre daquele estigma era evidente, afinal no meu imaginário estava a ideia fixa de que meu cabelo estava sob constante julgamento. Nunca revidei às piadas feitas em relação a textura do meu cabelo, por outro lado, assumi uma postura agressiva e desconfiada que não me permitia estabelecer uma relação harmoniosa e afetiva, principalmente, com as meninas já que me sentia inferior a maioria delas.

## Transição da adolescência para a idade adulta

Somente após 17 anos e um contato direto com discussões raciais na universidade, a possibilidade de parar com o alisamento se tornou algo real no meu imaginário. Não por discordar da prática de forma generalizada, mas por entender que para mim, ela se configurava como aprisionamento e tortura, já que além de todos os prejuízos subjetivos também envolvia gastos, dor física e queimaduras, pois jamais me adaptei a qualquer química. Diante de uma fase em que de fato não tive condições financeiras para frequentar um salão com a mesma assiduidade que julgava necessária, decidi que havia chegado o momento em que passar por aquela tortura não seria mais aceitável e percebi que poderia sim conviver com os cabelos assumidamente crespos. Nesse momento tive apoio de amigas que também enfrentavam a transição.

A partir daquele dia não iria mais organizar meu calendário de festas e saídas de acordo com as datas de relaxamento. Não iria mais me preocupar em ter o dinheiro na data certa para pagar o alisamento. Não ia mais me preocupar enquanto o couro cabeludo queimaria no dia da aplicação, quantos dias levaria pra cicatrizar. Seria livre para enfim conhecer o meu cabelo que não fazia ideia como era, afinal nas fotos antes do primeiro alisamento só enxergava a trança. As posteriores foram recortadas por mim, em maioria pela aversão que sentia ao encarar aquela imagem tão negativa na minha percepção. Como já nos alertara Gomes (2002, p.44): “As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual”. O meu foi bastante afetado.

Aos 24 anos já havia em mim uma imagem positiva acerca dos cabelos crespos embora a assunção do meu tenha sido lenta e gradual. Já tinha conhecimento sobre a arbitrariedade dos padrões de beleza impostos e da forma como eles agiam para nos colocar em posição inferior em detrimento de um grupo que não só é associado à beleza, mas a limpeza e todas as demais representações positivas que se pode elaborar acerca de um corpo. Apesar disso, as consequências de anos envoltos em apelidos, omissão da raça, baixa autoestima, valoração negativa dos traços fenotípicos e depreciação da imagem pessoal pesavam em mim com marcas difíceis de serem desconstruídas instantaneamente junto com a decisão de não mais me submeter ao processo de tortura em busca da aproximação com um padrão de beleza aceitável.

A superação para este quadro de rejeição às características do corpo negro, nos explica Gomes (2002, p. 47), está além das experiências subjetivas individuais: “A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima (*sic*) contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família”. Para a família, no entanto, o processo tende ser ainda mais lento. O medo que acompanha pais e familiares de verem seus filhos inferiorizados faz com que eles defendam a busca pelas características brancas um caminho mais aceitável. Até porque a resignificação que vem acontecendo em relação aos cabelos crespos não acontece da mesma forma em todos os espaços de socialização. O que nos lugares sociais é marca identitária de grande força política, ainda é visto com incômodo e de forma depreciada em outros espaços de socialização.

No meu caso, contrariando os anseios familiares, a nova percepção sobre os meus cabelos surge em um momento efervescente para o cabelo afro. Para além

de um processo de autoconhecimento que se deu em decorrência do acesso a discussões acadêmicas sobre as relações raciais, a ampliação do mercado para o reconhecimento de um grande público em potencial para o consumo de produtos ligados a uma valorização da estética negra veio junto. Costumava dizer que evolui junto com os tipos de shampoo e suas especificações por tipo: De opacos, secos, quebradiços, sem vida, o mercado deu espaço para os tipos cacheados, crespos, volume total etc.

### **A indústria de cosméticos para negros e os significados por trás de seus produtos**

A indústria da estética como um todo tem voltado os olhos nos últimos anos para população negra, grupo que ao longo de décadas foi excluído de qualquer possibilidade de realce dos seus traços negróides. Essa atenção não se deu por acaso. A partir da década de 90 a indústria local deu início a uma produção ainda restrita de produtos voltados para esse público visando a ascensão social da população negra.

A partir de 2004, com um crescimento econômico exponencial dos negros – segundo o Datapopular o crescimento de postos de trabalho dessa população foi de 67%. Com destaque para o fortalecimento de uma classe média negra, a indústria de beleza passou a produzir uma variedade significativa de produtos voltados para a pele negra e cabelos crespos, identificando esse grupo como consumidores com grande potencial para a geração de lucros. Desde então, embora estes produtos não sejam necessariamente encontrados por um baixo preço, a oferta de mercado é representativa.

Sobre o potencial de consumo de consumidores negros e brancos, Figueiredo (2002, p. 12) analisou: No que diz respeito aos gastos com sabonetes, xampus e roupas “[...] os negros têm gastos ligeiramente superiores aos brancos inseridos no mesmo quartil de renda; no entanto, o peso do consumo destes itens é relativamente maior, tendo em conta que a renda média dos negros é menor que a dos brancos”.

O cabelo crespo neste cenário adquiriu status de prioridade, embora os valores investidos nele não sejam recentes, como aponta Figueiredo (2008, p. 248): “O cabelo é um tema muito presente no cotidiano de mulheres negras e mestiças, muitas gastam quantias significativas dos seus salários para ter um “cabelo bonito” aos seus olhos e aos olhos dos outros”. Enquanto o apelo anterior aos anos 2000 era em maioria pela rejeição aos cabelos crespos e cacheados através de múltiplas possibilidades de alisamento e desconstrução dos modelos mais conhecidos como estilo afro, a partir de então, a oferta acompanha a demanda que tem crescido vertiginosamente na busca por valorização dos cachos, fortalecimento dos fios para manutenção dos crespos e reconstrução dos cabelos naturais danificados pelo uso anterior de químicas para alisamentos diversos.

Figueiredo (2008) chama atenção ainda para o fato de que mesmo nos espaços acadêmicos de produção intelectual esta foi uma questão pouco discutida até o final dos anos 1990. A partir de então, as pesquisas destinadas a compreensão do trabalho realizado pelos chamados salões étnicos têm refletido sobre a contribuição destes espaços com o fortalecimento e resgate da autoestima

de homens e mulheres negras (SANTOS 2000; GOMES 2002; SUAREZ; CASSOTTI; ALMEIDA, 2008; CRUZ, 2014).

Cintia Cruz (2014), ao analisar mais um aspecto destes salões, chama atenção para o fato de que embora se configurem como espaços políticos identitários, não necessariamente são de reforço de traços negróides. Ao realizar uma etnografia não-autorizada em um dos salões da rede dos Institutos de Beleza Natural “cujo principal serviço é o tratamento de cabelos crespos não com o objetivo final de alisá-los, mas sim de torná-los cacheados” (CRUZ, 2014, p. 05). A rede possui mais de 20 salões e em 2013, segundo Cruz, vendeu 33% do seu capital e recebeu R\$ 70 milhões para crescer 10 vezes em 10 anos. Por mês, cerca de 13 mil clientes são atendidos, em maioria mulheres.

O produto oferecido para *transformar* os fios crespos em cacheados é chamado de super-relaxante. Cruz destaca o fato de que Beleza Natural funciona como espaço de socialização, solidariedade e construção de afetos entre aqueles, em maioria negros, que vão atrás do produto oferecido que é vendido exclusivamente pelo Instituto, tendo em vista que foi criado pela principal sócia da rede.

Além disso, a identificação com o espaço é real, já que a pesquisadora destaca o fato de as funcionárias serem também mulheres negras em maior parte vindas de classes populares, que encontram a oportunidade de trabalhar em um espaço onde suas identidades são valorizadas. Na contramão dos principais estudos relativos a salões étnicos que reiteram como estes espaços valorizam as características negras, Cruz (2013) afirma que o Instituto também se configura como espaço de fortalecimento da identidade negra resgatando a autoestima dessas mulheres só que através do processo de *transformar* o crespo em cacheado.

### Transformação ou negação?

Considero problemático que a constituição da autoestima se dê nesse sentido, não pelo reforço de uma característica negra e sim pela sua *transformação* em um modelo que não necessariamente produz uma identificação com negros. Pelo afastamento de umas das principais características fenotípicas, característica esta amplamente utilizada pelos movimentos negros para ressignificar os valores negros depreciados.

O discurso da militância negra em torno do cabelo é basicamente contestatório e pretende a destruição de imagem dual construída na sociedade ocidental. Nela o negro encontra-se associado à feiúra, à burrice, à sujeira, etc., em contraposição ao branco, visto como bom, belo e justo. Na perspectiva do movimento negro, a marca do negro, antes submetido a um processo de manipulação, visando ao embranquecimento, torna-se determinante na construção da identidade negra (FIGUEIREDO, 2008, p. 249).

A busca pela transformação dos cabelos crespos incorre ainda numa questão a ser considerada, já que apesar das décadas de resistência e tentativa de ressignificação dos valores negativos a eles atribuídos continua sendo uma fonte fecunda de exclusão e depreciação da imagem de negros. É válido ressaltar, no

entanto, que a manutenção dos cabelos crespos ou o seu resgate não se configuram como únicas formas de valorização de traços fenotípicos negros. O que destaca é que a obrigatoriedade de modificá-los na tentativa de aproximação com um perfil branco, isto sim, é um grande problema, na medida em que a transformação nesse sentido se dá pelo desejo de alcançar um modelo normativo branco e não por um desejo pessoal desprovido de concepções racistas acerca do próprio corpo. Quando a busca por um tipo de cabelo é norteadada por um imaginário negativo e vivências de preconceito e discriminação em relação às características negras, essa busca se torna mais uma ferramenta de desvalorização da identidade negra.

A interpretação que o mercado tem feito dos nossos corpos, em muitos momentos, apontam para uma manipulação da identidade negra. Novos modelos são criados para serem idealizados, ao invés de resgatar os valores que vem sendo invisibilizados, inferiorizados e transformados por toda uma época. Assim continua sendo forçada a adequação a um mundo em que a ambivalência racial permanece mantendo o branco como representação mais positiva de ser humano, enquanto o preto permanece sendo a imagem mais depreciada. As gradações que se formam no interior dessa escala são amplas, mas mantém a lógica de privilégios favorecendo os mais claros aos mais escuros. Para além da cor outras hierarquias ainda são impostas, a ditadura do cacho perfeito é uma delas.

Já não basta ter cachos, eles precisam ter formas e contornos aceitáveis para que este cabelo se inclua em um molde de estilo afro definido que a sociedade permite aceitar. Isso resulta na construção de novos padrões a serem alcançados. É o que acontece, por exemplo, quando salões que se pretendem étnicos ao invés de oferecer subsídio para que os cabelos crespos sejam aceitos ao seu modo (isso para aquelas pessoas para quem os processos de alisamento ou outras modificações configuram-se como mecanismos de fuga e/ou rejeição da própria identidade), impõem um novo modelo a ser alcançado. Modelo, este, impossível para alguns tipos de cabelos crespos que não poderão naturalmente – ou mesmo sob efeito de químicas diversas – se desenvolver de modo a desenhar o cacho perfeito. Neste caso, o processo de rejeição é contínuo e as novas formas de discriminação se retroalimentam com base no racismo que mantém os mais pigmentados em posição de maior inferioridade.

### **Hierarquia de cabelos – sistema de classificação de cabelos naturais**

Sovik (2004) aponta para como a branquidade continua sendo um projeto de Nação amplamente reivindicado pelos veículos de comunicação, colocando a mestiçagem para encobrir o caráter racista da sociedade que nega sua brancura, mas não deixa de subalternizar aqueles que consideram diferentes, os não-brancos, numa perspectiva normativa de brancura.

A internet tem se apresentado como um espaço de vozes alternativas para aqueles que não têm espaço nos veículos de comunicação em massa. Para o bem ou para o mal, a depender do ponto de vista, as redes sociais, principalmente, têm promovido cotidianamente espaços de discussões em larga escala que tem oportunizado fala dos mais diferentes setores, categorias e interesses. Entre estes, destacam-se as discussões que se referem às minorias, setores estigmatizados, vozes silenciadas pelo racismo e demais formas de opressão.

A partir desses espaços de visibilidade, que se constituíram com tamanha força que passaram a pautar discussões nos meios televisivos, acompanhamos um crescimento exponencial de fortalecimento da identidade negra, denúncias contra o racismo, visibilização de iniciativas antirracistas e promoção da autoestima negra. Além das redes sociais, sites, blogs e canais de vídeos se estabeleceram como uma fonte fecunda para expressões de fortalecimento da negritude, entre os quais se destacam inúmeras indicações, tutorias e recomendações de como tratar os cabelos crespos. São estes espaços de apoio em que se promove afetividade e identificação através de relatos e representatividade real para homens e mulheres negras.

Foi neste cenário que se destacou uma forma de classificação capilar amplamente difundida e multiplicada por aquelas que assumem o protagonismo desses temas. Criada pelo cabeleireiro americano Andre Walker - muito conhecido por cuidar de cabelos de mulheres como Oprah Winfrey e Michele Obama – em parceria com o site *Naturally Curly* que classifica os tipos de cabelo natural do número 1 ao 4, com subclassificações da letra a ao c. A classificação leva em consideração, como apontam Cristiane Castro e Daniela Kabengele (2017, p. 101), “a textura dos fios, densidade (quantidade de fios por centímetro, ou seja, do cabelo mais “ralo” ao mais “cheio”) e espessura (fino, médio ou grosso). O tipo 1A é liso e reto, aparecendo ondulação a partir do tipo 2A até 2C (*wavy hair*)”.

O site da *Naturally Curly* amplia ainda mais a definição do serviço que se propõe a oferecer para promover a aceitação dos cabelos naturais:

Determinar seu tipo de cabelo é um ponto de partida para encontrar os produtos e estilos certos para o seu cabelo. O sistema tipo Curl de NaturallyCurly enfoca os tipos 2 (ondulado), os tipos 3 (curly) e os tipos 4 (coily). As subclassificações - de A a C - são baseadas no diâmetro da onda, ondulação ou bobina. Nosso sistema de tipo de cabelo, modelado segundo as definições de cabelo de cabeleireiro Andre Walker sobre os tipos de cabelo, detalha os diferentes tipos de cabelo encontrados dentro da descrição mais larga do cabelo encaracolado. Nosso objetivo aqui é ajudar a esclarecer qualquer confusão para que você não possa apenas entender seu tipo de cabelo, mas encontrar os melhores produtos que funcionam para seu tipo de cabelo único e abraçá-lo (SITE NATURALLY CURLY, 2017, tradução<sup>1</sup>).

Para além do caráter explicativo a que se pretende o sistema de classificação elaborado em parceria por Walker, considero necessário levarmos em consideração a forma como a escala é produzida. O sistema alfanumérico elaborado iniciando do número 1 sendo este reservado para cabelos lisos e encerrado no número 4 para classificar os cabelos crespos remete a classificação racial em que os brancos estão em posição de privilégio e quanto mais pigmentados, mais o indivíduo está suscetível a ser vítima de situações de racismo.

Quando reinterpretada por Lívio Sansone (1996, p. 178) referindo-se aos efeitos sociais que a cor da pele desencadeia nas relações, percebemos como a variação de cor exerce influência direta na forma como os indivíduos se relacionam: “Para quem se tem carinho (por exemplo, parentes de consideração ou namorados) e/ou respeito (por exemplo, o patrão ou o chefe) tende-se a dar

alguns ‘pontos de vantagem’ na escala cromática - definindo-os mais claros do que são”.

Os pontos de vantagens são maiores na medida em que a cor se aproxima ou alcança a brancura. De um lado da escala está a cor branca, do outro a preta. Por si só, o fato de o sistema de classificação categorizar os tipos de cabelo tendo como o primeiro o tipo liso, já aponta para uma classificação que hierarquiza, associando o tipo ideal branco aos cabelos lisos inalcançáveis para negros. O sistema de Walker, em outros termos, materializa aquilo que socialmente para negros e negras já está posto na medida em que quanto mais claros, somos menos vítimas de uma sociedade alicerçada sob bases racistas.

As hierarquias desse modo são preservadas e encontram novas formas de coexistir mesmo junto às diversas formas de resistência. Dentro do grupo 4, onde a grande massa de homens e mulheres negros naturalmente se situam pela textura de seus cabelos crespos, são divididos em subcategorias que situam o cabelo crespo com menos *definição* como mais inferior. A própria interpretação de *definição* se mostra problemática, quando levamos em consideração que ela carrega consigo a obrigatoriedade de *definição* do cabelo como se a meta fosse que de alguma forma ele se definisse em um modelo pré-estabelecido e que, não por acaso, está mais próximo do branco que do negro. O que nos coloca sempre diante de um modelo a ser alcançado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os consideráveis avanços que temos acompanhado ao longo das últimas décadas no que diz respeito as condições de renda, escolaridade e representatividade de negros ainda não foram suficientes para reduzir substancialmente o fosso da desigualdade social que separa negros e brancos em mundos substancialmente diferentes, embora sejam co-habitantes do mesmo espaço geográfico.

Apesar disso é preciso reconhecer que as cotidianas lutas travadas pelos movimentos organizados – ou não - e ativistas das mais diferentes esferas dos movimentos negros diversos têm contribuído significativamente para a construção de imaginários positivos acerca da identidade negra e seus significados.

Mesmo na fase infantil, já percebemos a agência de crianças que se veem em um processo de construção social onde as marcas identitárias já não podem ser tomadas deliberadamente como algo negativo, passível de depreciação. Pelo contrário, as ferramentas disponíveis nos mais diversos veículos de comunicação têm aberto um espaço significativo para o resgate da autoestima, fortalecimento das identidades negras e desconstrução de estereótipos sobre os traços fenotípicos negros.

No entanto, precisamos levar em consideração que os significados que estão por trás do poder hegemônico podem trabalhar pela manutenção do status quo mesmo quando performam uma permissão de surgimento de novos modelos de identificação. Mesmo com as novas possibilidades da indústria de beleza que percebeu uma grande demanda rentável da população negra na busca por produtos que correspondessem às suas características, não podemos perder de vista que as hierarquias continuam sendo preservadas. Isso porque a parcial inclusão de novos tipos permanece preservando uma lógica hierárquica que

mantém demarcados os limites impossíveis de serem ultrapassados por indivíduos negros, além de manter bem definido que o ideal de beleza continua intocável, afinal as características somáticas brancas ainda estão em primeiro lugar mesmo quando o sistema se pretende inclusivo.

Os novos modelos de beleza que se impõem não favorecem a maioria da população negra que possui cabelos crespos e só aumenta nestes indivíduos o sentimento de inferiorização por não conseguirem se incluir nos modelos considerados mais aceitáveis. A hierarquização dos cabelos, neste caso, funciona como forma de segregação entre negros, o que significa um desserviço às lutas antirracistas que vem sendo travadas cotidianamente na busca pelo aumento da solidariedade, afetividade e unidade entre os mais diversos indivíduos que dividem entre si uma marca indelével, a racialização.

## Afro style in evidence: Problematizing the new hierarchies of the beauty industry for curly hair

### ABSTRACT

The aim of this work is to analyze how the texture of curly hair assumes the centrality of the life of black women to the point of producing negative subjectivities about race in the most varied social spaces in which they are inserted, despite the significant advances that the antiracist struggle has produced in the self-esteem of these women. From individual experiences detailed in an experience report, I problematize how phenotypic traits, especially hair texture, continue to be a determining category in the construction and positivation or not of black identity, and how the debates around its "Affirmation" or "negation" have perpetuated new hierarchical logics within the pigmentocracy maintained in Brazilian society. In this article we have developed an experience report that is analyzed based on bibliographical review and recent data on the aesthetic industry and the development of new beauty standards.

**KEYWORDS:** Curly. Race. Racism.

## El estilo afro en evidencia: problematizando las nuevas jerarquías de la industria de la belleza del cabello rizado

### RESUMEN

Este documento pretende discutir cómo la textura del cabello rizado asume la centralidad de la vida de las mujeres negras hasta el punto de producir subjetividades negativas sobre la raza en los diversos espacios sociales en los que se insertan, a pesar de los avances significativos que la lucha antirracista ha producido en el mundo. Rescata la autoestima de estas mujeres. A partir de las experiencias individuales detalladas en un informe de experiencias, problematizo a medida que los rasgos fenotípicos, especialmente la textura del cabello, continúan configurándose como una categoría determinante en la construcción y positivización o no de la identidad negra, y como los debates en torno a su "afirmación" o la "negación" han perpetuado nuevas lógicas jerárquicas dentro de la pigmentocracia mantenida en la sociedad brasileña. En este artículo se desarrolló un informe de experiencia que se analiza a partir de la revisión de literatura y datos recientes sobre la industria estética y el desarrollo de nuevos estándares de belleza.

**PALABRAS CLAVE:** Rizado. Raza. Racismo.

## NOTAS

<sup>1</sup>Texto Original: “Determining your hair type is a starting point for finding the right products and styles for your hair. The Curl type system of NaturallyCurly focuses on types 2 (wavy), types 3 (curly) and types 4 (coily). Sub-ratings - from A to C - are based on wave diameter, ripple or coil. Our hair type system, modeled on Andre Walker's hair styling definitions of hair types, details the different hair types found within the broader description of curly hair. Our goal here is to help clear up any confusion so you can not only understand your hair type, but find the best products that work for your unique hair type and embrace it”. Disponível em: <https://www.naturallycurly.com/texture-tales>.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, p. 970-985, set./dez. 2008.

CASTRO, Cristiane; KABENGELE, Daniela. O cabelo crespo e cacheado e a construção da identidade no grupo virtual Cachos Alagoanos. **Ciências humanas e sociais**. Maceió, v. 4, n. 1, p. 101-116, Maio, 2017.

CRUZ, Cintia. **Etnografando a experiência do Instituto Beleza Natural**: relatos de uma etnografia não autorizada. Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402020308\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompletoAba2014.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402020308_ARQUIVO_ArtigoCompletoAba2014.pdf) Acesso em 14 de dezembro de 2017.

FIGUEIREDO, Angela. “Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada”: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Anais...**, Caxambu, outubro de 2002.

FIGUEIREDO, Angela. Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. – 2ª ed.rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Educação Brasileira**. n. 21, p. 40-51, Set/Out/Nov/Dez, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>. Acesso em: 30/11/2018.

HOOKS, Bell. Alisando os nossos Cabelos. **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-ou-nossocabelo.html

MARTINS, Carlos A. M. **Racismo anunciado**: o negro e a publicidade no Brasil, 2010.

SANSONE, Lívio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Revista Afro-Ásia**, n. 18, 165-187, 1996. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20904>. Acesso em: 30/11/2018.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 363-386.

SUAREZ, Maribel Carvalho; CASOTTI, Letícia Moreira; ALMEIDA, Victor Manoel Cunha de. Beleza natural: crescendo na base da pirâmide. **Rev. adm. contemp.** [online]. Maringá, v.12, n.2, p. 555-574, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552008000200012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552008000200012&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 30/11/2018.

**Recebido:** 31/01/2019

**Aprovado:** 13/06/2019

**DOI:** 10.3895/cgt.v12n40.9510.

**Como citar:** JESUS, Camila Moreira de. O estilo afro em evidência: Problematizando as novas hierarquias da indústria de beleza para cabelos crespos. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 199-212, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Camila Moreira de Jesus. Loteamento Jardim Brasil, rua C, n 115. Jardim Brasil, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

